

# MIL HOMEROS E MAIS UM

## Borges e a literatura grega<sup>1</sup>

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa  
UFMG

### RESUMO

O artigo trata de uma leitura pessoal e “classicista” de algumas conferências de Jorge Luis Borges e do conto *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*. Pretendemos mostrar a importância dos poemas homéricos para uma nova direção interpretativa. Examinamos passagens do texto e propomos quatro analogias genéricas: Ashe/Schliemann; Uqbar/Baruch/Spinoza; Tlön/Troia e, finalmente, a obra de Thomas Browne, *Urn burial* (1893), e o último canto da *Iliada* de Homero.

### PALAVRAS-CHAVE

Borges. Metáfora. Analogia. História. Ficção.  
Literatura grega. Tlön. Troia.

Deve-se a uma conferência de Jorge Luis Borges, proferida entre 1967 e 1968 na Universidade de Harvard (EUA), intitulada *A metáfora*,<sup>2</sup> a formulação *Mil Homeros e mais um* que tomamos para título deste artigo. Na conferência, o poeta percorre textos e aponta exemplos, desde os gregos até os contemporâneos, de metáforas diversas para a noite, o rio, a lua, o homem, a vida, a morte, entre muitas outras, e comenta-as indicando que, enquanto algumas apresentam apenas modificações sutis de imagens, outras registram surpreendentes ousadias. Segundo Borges, elas são, essencialmente e quase sempre, as mesmas. E, como modelos, podem ser reduzidas a um número limitado, embora haja, nelas, uma grande variação.<sup>3</sup>

No mesmo texto, ainda sobre as metáforas, o idealizador de Pierre Menard afirma que elas têm uma “precisão mágica”, ou seja, uma capacidade de, por meio da linguagem, tomar uma ideia abstrata, acrescentar-lhe um concreto e “entusiasmar” a imaginação, de modo que essa faculdade, arrebatada, é capaz de visualizar uma analogia jamais sugerida. É assim que a imaginação criadora une universos aparentemente distintos em uma síntese inusitada e, por esse processo, o mundo se torna admiravelmente novo.

---

<sup>1</sup> Devo aos colegas Lyslei Nascimento e Walter Costa a alegria de saborear Borges. Agradeço a estes borgianos de indiscutível competência a bibliografia indicada, a possibilidade do diálogo e todas as suas generosas sugestões.

<sup>2</sup> Incluída na obra póstuma intitulada *Esse ofício do verso*.

<sup>3</sup> BORGES. *Esse ofício do verso*, p. 32.

Em *A arte narrativa e a magia*,<sup>4</sup> para explicar como Morris transforma as aventuras fabulosas de Jasão numa narrativa “com forte aparência de veracidade” e com propriedades para suspender quaisquer dúvidas, Borges comenta a expressão “orvalho de ouro” aplicada aos longos cabelos das sereias que descem por seus corpos brancos “ocultando alguma querida delícia”. O que temos de fascinante, aqui, senão uma precisão de cores conjugada com a imprecisão de “alguma querida delícia” oculta? Em outras palavras, o sentido da visão comprova a existência da cor e aceita com “fé poética” a sugestão desejada.

Retornando à conferência *Metáfora*, o poeta argentino explica que é a partir de uma precisão aliada a uma certa imprecisão que se instaura a eficácia e a beleza da tradução equivocada do título da famosa obra *Mil e uma noites*. Segundo o portenho, as mil noites significam, para a imaginação, uma quantidade de tal modo exagerada que a percebemos como de difícil assimilação.<sup>5</sup> Assim, o número mil indica somente uma espécie de incontabilidade tal como a que aparece na forma de os chineses chamarem o mundo, a saber, “*as dez mil coisas* ou – e isso depende do gosto e da fantasia do tradutor – *os dez mil seres*”.<sup>6</sup> Enfim, a expressão *mil noites* significa um tempo muito longo<sup>7</sup> de manutenção de noites para evitar a morte de um narrador. O acréscimo da exatidão do numeral “um” aumenta ainda mais a imprecisão: as incontáveis noites e mais uma noite incontável. O tempo, medido com essas palavras, passa a ser imaginado e sentido como “eterno”, “sem fim”. Temos então a expressão *mil e mais um* como uma espécie de metáfora numérica que nos leva a um tempo autônomo, consecutivo e grandioso (quase infinito) que se torna aumentado pelo tempo fragmentado do um em um presente constante. No caso de nosso título, portanto, teríamos um tempo autônomo de Homero e ainda um outro fragmentado, ambos em presente constante na obra de Borges; essa é a proposição que fazemos.

A permanência privilegiada do aedo grego (cuja existência como indivíduo até hoje é incerta) e dos poemas atribuídos a ele em Borges já é bem reconhecida, pois aparece de forma esparsa e amiúde na sua obra – sem contar, é claro, o celeberrimo *As versões homéricas*. O vínculo entre o rapsodo com sua mítica cegueira de sábio e Borges é, igualmente, imediato. A amplitude do tema é indiscutível e nos leva a recordar, outrossim, Demódoco,<sup>8</sup> outro cantador cego, o feácio, a quem a musa concedeu tanto o mal quanto o bem, pois “privou-o das vistas, mas deu-lhe um doce canto”. Estes são alguns dos mil homeros de glauco olhar, assustadores para um só ensaio; opacos e brilhantes demais, infinitos e transfinitos.

Há, entretanto, outro Homero oculto na delícia de uma descoberta e sobre o qual queremos nos deter. Por conseguinte, como na referência ao preclaro livro, acrescentamos o numeral “um” ao nosso título, que, como na fórmula, ganha um alongamento ainda

---

<sup>4</sup> BORGES. *O fazedor*, p.84-86.

<sup>5</sup> BORGES. *Esse ofício do verso*, p. 45.

<sup>6</sup> BORGES. *Esse ofício do verso*, p. 30

<sup>7</sup> A *Bíblia* pode nos recordar, facilmente, o valor simbólico dos números para apontar enormidades; tomemos como exemplo o 40, presente nos 40 dias de tentação de Cristo no deserto e nos 40 anos de exílio do povo judeu.

<sup>8</sup> HOMERO. *Odisseia*, VIII, 64.

maior, apesar de, pela dimensionalidade exata do “um”, tornar-se mais empolgante, porque prevê a falácia de um fim. Tentamos imitar Borges e na certeza de que *qualquer coisa sugerida é bem mais eficaz do que qualquer coisa apregoada*,<sup>9</sup> depois de estudar algumas passagens teórico-poéticas do escritor argentino, buscamos refletir e comentar, com base nas técnicas mais óbvias de sua escritura (a intertextualidade, a erudição, a ficção imiscuída na autenticidade, a valorização do leitor, a multiplicidade ontológica e espacial), a presença dos gregos representados por seus muitos Homeros, particularmente nas conferências mencionadas e no conto *Tlön, uqbar, orbius tertius*.

Das conferências tomaremos alguns pontos sobre a discussão dos poemas homéricos, da existência ou não de tal poeta, de expressões de difícil entendimento, das metáforas etc. e, apoiados no conto, revelaremos nossas perplexidades com sugestões e intuições provocadas e urdidas muito à moda borgiana. São intuições que, ainda hoje, se colocam como questões árduas na pesquisa de filólogos e arqueólogos acerca das mais abundantes fontes da literatura ocidental: a *Ilíada* e a *Odisseia*. O estudo é possível porque, segundo o mesmo Borges, os grandes poemas são um manancial que jorra incessantemente e, à medida que se afastam cronologicamente de nossa realidade, ganham mais largueza, porque há casos em que o tempo, em lugar de degradar uma obra, enriquece-a.<sup>10</sup>

Segundo tal hipótese, *Homero então seguiria vivendo, e mudaria à medida que as gerações dos homens mudassem*,<sup>11</sup> já que *as palavras são símbolos para memórias partilhadas*,<sup>12</sup> arriscamos uma interpretação do conto referido à luz das escavações de Heinrich Schliemann no sítio arqueológico de Hissarlik (Anatólia) e à luz de um profeta – e um filósofo – de nome Baruch. Vejam que para nós existem associações óbvias: Tlön com Troia (em grego jônico *troíe*); Uqbar com Baruch e Orbius Tertius com Terceiro Mundo (que explicaremos adiante).

As provas para essa interpretação são meras analogias. E, parodiando Umberto Eco,<sup>13</sup> diremos que “ocorre-nos um jogo etimológico que nos foi oferecido, sem garantias (...)”. Assim, tão logo os lemos, a palavra Tlön e todo o resto foram, desde o princípio, assustadores. No entanto, no desenrolar do texto, percebemos um mistério lúdico – nem tão misterioso que não possa ser decifrado, nem tão fácil que se possa ter certeza de seu resultado. Mas a partir de nossa fé poética e “da felicidade de ir adivinhando”,<sup>14</sup> podemos afirmar que Tlön, assim nomeada, “não deve causar espanto”. Voltaremos ao ponto.

Percorrendo o conto: recordamos-lhes a conjunção inicial de um espelho que reflete a enciclopédia *The Anglo-american Cyclopaedia* – reimpressão literal e tardia de uma outra mais antiga, *Encyclopaedia Britannica*; muda-se o assunto, passa-se para a hipótese de um romance em primeira pessoa “cujo narrador omitisse ou desfigurasse os fatos (...) incorrendo em diversas contradições” que dificultassem “adivinhar uma

---

<sup>9</sup> BORGES. *Esse ofício do verso*, p. 40.

<sup>10</sup> BORGES. *Esse ofício do verso*, p. 26.

<sup>11</sup> BORGES. *Esse ofício do verso*, p. 118.

<sup>12</sup> BORGES. *Esse ofício do verso*, p. 122.

<sup>13</sup> ECO. *A abdução em Uqbar*, p.157.

<sup>14</sup> MALLARMÉ *apud* BORGES. *Discussão*, p. 88.

realidade atroz ou banal”.<sup>15</sup> A narrativa segue afirmando que, em Uqbar, (conforme a enciclopédia citada afirmaria), alguém teria dito que “os espelhos e a cópula são abomináveis porque multiplicam o número dos homens”. Que fruto seria gerado da cópula (conjunção) de um espelho com uma enciclopédia de Uqbar? Não podemos responder. Entretanto, em desvio, escrevendo a palavra e colocando-a como frente a um espelho, percebemos um jogo estranho: Uqbar espelha Baruch.

Em *Borges e eu*, o escritor afirma que Borges tem o perverso costume de falsear e magnificar. Admitindo que seja assim, talvez seja lícito afirmar que Uqbar seja uma inversão mágica simultaneamente do nome de um profeta e do de um filósofo muito querido a Borges, Baruch de Spinoza, o qual teria afirmado “que todas as coisas querem perseverar em seu ser”.<sup>16</sup> E essa parece ser uma sentença latente em todo o conto: todas as coisas, até mesmo os lugares e seres imaginários criados pela palavra anseiam por preservar o seu ser, ainda que mediante as imaginações mais extravagantes. A relação de Borges e Spinoza<sup>17</sup> é recorrente em sua obra, ela não só se manifesta declaradamente no poema intitulado *Spinoza*, dedicado ao filósofo holandês, mas também em trocadilhos pontuais e fragmentos de teorias soltos e às vezes espelhados tais como Uqbar/Baruch; tudo isso e mais: as inúmeras reflexões sobre noções espaciais levadas às últimas consequências e as utilizações polidas de lentes-metáforas de aumento que provocam amplificações contínuas (não nos esqueçamos de que o filósofo apreciava sobremaneira o trabalho de polimento do vidro para obtenção de lentes).

Mas o narrador do conto *Tlön, Uqbar e Orbis Tertius*, depois de sugerir a possibilidade de omissões e deformações e de focalizar a enciclopédia, repete por mais duas vezes, em língua inglesa, trechos da mesma afirmativa: cópula e espelhos são abomináveis porque reproduzem. Que abomináveis reproduções seriam propostas pelo relato de *Tlön*? Aquelas que vêm de um exemplar do volume XXVI da mesma enciclopédia acrescido de páginas falsas com um artigo sobre Uqbar. Esse verbete, no entanto, destoava do tom verossímil das demais entradas por causa de uma “vagueza fundamental”, de nomes “interpolados no texto de modo ambíguo” além de invocações metafóricas e pontos de referência nebulosos.<sup>18</sup>

Passadas as palavras enciclopédicas sobre Uqbar, o assunto muda; estamos diante da lembrança evanescente de um engenheiro que “em vida padeceu de irrealidade”. A expressão que define o engenheiro faz uma primeira possível solda com Uqbar: ambos talvez padessem de irrealidade. Observe-se o tom irônico da expressão *padecer de irrealidade*. A mesma ironia, aliada à similitude de sonoridade do nome dado para o engenheiro, Ashe, se dá no fato histórico desencadeado pelo alemão que alcançou cumprir a maior descoberta arqueológica de todos os tempos, Heinrich Schliemann. A associação sonora com o termo *ash*, cinza (resíduo de uma combustão) e o nome Heinrich Schliemann (pronunciado como no alemão) é parcial e sutil: localiza-se em meio a

---

<sup>15</sup> BORGES. *Ficções*, p. 13.

<sup>16</sup> BORGES. *O fazedor*, p. 54.

<sup>17</sup> Cf. SANTOS FILHO. *Spinoza e Borges na penumbra dos cristais*, p. 29-38.

<sup>18</sup> BORGES. *Ficções*, p.15.

união do prenome e do sobrenome. Mais sutil ainda se informamos que esse nome alemão – que significa “pescador – nunca ocorre no conto. Todavia não é necessário que apareça; comparecem suas cinzas/ashes. O engenheiro Ashe, uma espécie de invenção circunstancial.<sup>19</sup> que ganha um nome irrefutavelmente ligado ao sonho e a um tempo consumado, é quem recebe, pelo correio, um pacote com remetente do Brasil. Infelizmente, porém, antes mesmo de lê-lo, morre da ruptura de um aneurisma. O volume, ainda fechado, ficou esquecido num bar para que o narrador o encontrasse meses depois e nele estava – enfim a ligação definitiva – um livro que relatava a história de Tlön, Uqbar e Orbis Tertius (vulgo, 3º mundo). O livro se chamava *Noite das Noites* – título que, pela conferência de Borges intitulada Música, Palavra e Tradução<sup>20</sup> pode ser interpretado como *a mais sublime das noites* ou *a melhor das noites* – muito possivelmente interpretado como *o mais sublime dos livros* ou *o melhor dos livros*. O livro recebido era redigido em inglês e tinha mil e uma páginas (o que significaria, em nossa argumentação, páginas incontáveis), predicados que nos levam a pensar nas *Mil e uma noites* traduzido por Edward William Lane. O seu falso frontispício remetia para a primeira Enciclopédia de Tlön. Segundo Borges-narrador tratar-se-ia de “um vasto fragmento metódico da história total de um planeta desconhecido, com suas arquiteturas e querelas (...)”.<sup>21</sup>

Em outra das conferências mencionadas – O Narrar de uma História – Borges dirá que as *Mil e uma noites* é a versão árabe da *Odisseia*<sup>22</sup> e aqui começamos a decifrar enigmas e amarrar ideias: define-se Tlön aos poucos como um “mero caos”; “irresponsável licença da imaginação”. Lugar de “torres de sangue”, lugar onde habitam “tigres transparentes”. Sua linguagem manifesta um mundo em que não há “um concurso de objetos no espaço” e sim “uma série heterogênea de atos independentes”, sucessivos, temporais e não espaciais.<sup>23</sup> A sua filosofia é “a filosofia do como se”; do “assombro”.

Enquanto pontua e embaralha tais coisas, o narrador constrói um assombro maior do que a própria Tlön, a saber, o espanto de poder ligá-la a algo mais ou menos real: a forma como se descobriu um dos sítios arqueológicos mais procurados de toda a literatura ocidental, Troia. Schliemann, o defensor da realidade histórica dos lugares geográficos citados nas obras de Homero, é apenas nosso elo principal; mas há outros.

Tlön, no texto, é matéria fonética lúdica. Em suas muitas alterações fonéticas (Tlön apresenta, por exemplo, as variantes hrönir e hrön), a palavra aproxima-se do nome Troia, proferido em alemão – nacionalidade de Schliemann o descobridor da cidade de Príamo – e da forma grega Ílion, que dá nome ao poema de Homero, o canto de Ílio ou *Iliada*. Digamos que há na forma Tlön uma combinação de fragmentos sonoros:

(Troie – roie) + (Ilion – I) = Tlion > aglutinação das vogais i + o = Tlön.

Jogo etimológico ou literário? Mas de que vale associar Troia à pronúncia alemã da palavra? Nada e tudo. “Qualquer coisa sugerida é bem mais eficaz do que qualquer

<sup>19</sup> BORGES. *Discussão*, p. 6.

<sup>20</sup> BORGES. *Esse ofício do verso*, p. 74.

<sup>21</sup> BORGES. *Ficções*, p. 18.

<sup>22</sup> BORGES. *Esse ofício do verso*, p. 53.

<sup>23</sup> BORGES. *Ficções*, p. 20.

coisa apregoada.”<sup>24</sup> De fato a imprecisão que anela a exatidão e a aclaração oferece pistas assaz benevolentes: a busca de Tlön por Borges e Bioy se assemelha à descoberta de Troia por Schliemann. Ambas se fazem não a partir da “verdade dos fatos, mas da verdade dos sonhos”.<sup>25</sup>

Borges e Bioy são historicamente reconhecidos; Schliemann, todavia, velado no conto, merece desvelo. Apresentamos-lhes, portanto, somente o comerciante e arqueólogo alemão, um homem notável. Desenvolveu um método próprio de aprendizagem de línguas – pela memorização de textos que ele mesmo escrevia e que eram corrigidos por um falante da língua em questão – e por essa ferramenta, a memória tornou-se fluente em dezoito idiomas. Heinrich Schliemann (Mecklenburg, 1822), além de localizar Troia, foi, ademais, o renomado escavador de Tirinto e de Troia. Ganhou do pai, quando criança, um exemplar traduzido para o alemão da *Ilíada* de Homero e desde então ficou obcecado para “pescar” com a linha de um tempo fabuloso o local da cidadela que motivou a guerra, onde corriam uma nascente de água fria e outra de água quente. Recordemos nesse ponto parte da narrativa de Borges:

Não é incomum, nas regiões mais antigas de Tlön, a duplicação de objetos perdidos. (...) As primeiras tentativas foram estéreis. O *modus operandi*, entretanto, é digno de memória. O diretor de um dos presídios do Estado comunicou aos presos que no antigo leito de um rio havia certos sepulcros e prometeu liberdade a quem trouxesse um achado importante.<sup>26</sup>

Entretanto, Schliemann, com sua fé na poesia de Homero, foi criticado em sua época; afinal, de acordo com a academia, ciência e mito são saberes incompatíveis. O fato é que, de 1870 a 1882, o arqueólogo alemão escavou a colina de Hissarlik e lá encontrou vestígios de uma cidade destruída pelo fogo – em cinzas, pereceu Troia – e anunciou a mais importante descoberta arqueológica dos últimos tempos a partir da história de um poeta que sequer sabemos ter existido. Polêmico, amador, o comerciante provocou desafetos; durante as escavações, em um telegrama ele teria dito: “encontrei-me com Agamemnon face a face”. A frase foi fatídica para sua má reputação acadêmica, visto que, posteriormente, a região foi meticulosamente estudada e comprovou-se, ali, a existência de nove cidades perdidas, uma construída sobre a outra. Nada de absurdo há nisso, pois “(...) o tempo enriquece em vez de degradar um poema”.<sup>27</sup> As nove Troias guardam indícios arqueológicos de guerras incoativas que surgem do nada e que reduzem a pó grandes cidades. Provavelmente nunca haveremos de tocar a guerra original, exceto pelas canções, poemas e mitos alados que da Troia primeva viajaram para as bocas dos poetas do mundo pelos tempos afora. Sua permanência, cremos, é oriunda do fato de Homero estar “narrando algo bem mais sutil: a história de um homem, um herói, que ataca uma cidade sabendo que jamais irá conquistá-la”.<sup>28</sup> Como o escritor argentino, talvez...

Mas voltemos a Uqbar. Ou seria Baruch de Spinoza ou quem sabe Baruch profeta? Estamos num labirinto. O que teria o profeta com nosso conto? As semelhanças avolumam-

---

<sup>24</sup> BORGES. *Esse ofício do verso*, p. 40.

<sup>25</sup> BORGES. *Esse ofício do verso*, p. 57.

<sup>26</sup> BORGES. *Ficções*, p. 27.

<sup>27</sup> BORGES. *Esse ofício do verso*, p. 26.

<sup>28</sup> BORGES. *Esse ofício do verso*, p. 52.

se. Baruch é um pseudônimo utilizado por um alguém que teria sido “secretário” de Jeremias durante o exílio na Babilônia. Quiçá um Homero modificado. O livro escrito por Baruch é datado por volta da metade do século II; bem posterior, portanto, aos poemas homéricos. O texto segue o modelo das “narrativas referentes à tomada de Jerusalém”,<sup>29</sup> quando os caldeus a tinham devastado pelo fogo (Br. 1. 2). Interessante: a Cidade Santa foi devastada pelo fogo tal como a cidadela de Príamo. Todavia não devemos esquecer que o texto profético, dos versículos 15 ao 37 do capítulo 3, canta a sabedoria de Deus numa ode ao mistério insondável e perene. Enredados, caímos num enorme emaranhado. Se Homero é todo e qualquer poeta e Troia toda e qualquer cidade a ser conquistada, então só nos resta acreditar em Baruch com sua exortação: “Coragem, meu povo, tu és o memorial de Israel!” (Br. 4, 5). É um alento.

Todavia, se de fato estamos certos, “nunca chegaremos a perceber inteiramente”. Eis o desânimo. Novamente, entretanto, ganhamos confiança: Tlön – ou seria Jerusalém? – pode ser um labirinto, “mas é um labirinto urdido por homens, um labirinto destinado a ser decifrado pelos homens”.<sup>30</sup> Independentemente de como se analise ou se interprete os muitos resultados das sucessivas escavações de Tlön, de Troia e do conto ele mesmo, temos a certeza de que Borges – ao indicar que o narrador retorna para a revisão da tradução de *Hydriotaphia, Urn Burial* de Thomas Browne – termina sua obra como Homero encerra a sua *Iliada*.

O título do ensaio, segundo John Evans,<sup>31</sup> parece ser composição de Browne. A palavra é formada de *hydria*, vasilha para depositar água ou cinzas; *taphé*, sepultura, acrescida do sufixo formador de substantivo *-ia*. A obra leva o subtítulo *Um discurso sobre as urnas funerárias de Norfol* e pretende investigar e comprovar a antiguidade da América, o *orbis tertius*. Assim o estudo das urnas dá voz às “ruínas de um tempo esquecido” que, paradoxalmente, palpita no Novo Mundo. Suas partes incorruptas rememoram antiquíssimos funerais, preservam e revivificam mortos<sup>32</sup> que poderiam ser Pátroclo, Heitor, Astiánax e tantos outros. Revivificados e espalhados, como ocorre, segundo Browne, no caso do aedo Homero e da variedade dos monumentos sepulcrais dedicados a ele que fazem-no, desse modo, pertencer a inúmeras localidades.<sup>33</sup>

Sem dúvida, o trecho que encerra o conto leva-nos a Browne e a sua obra dedicada a relacionar a prática de incineração dos mortos e o tratamento dado às suas cinzas nos ritos pela costura de atos, fatos e muitas especulações sobre fantasmas mencionados em Homero, Virgílio e outros autores antigos.<sup>34</sup> Tempos remotos, em pó, desmaterializados, mas presentificados. Busca de uma imortalidade sonhada e materializada na palavra poética.

---

<sup>29</sup> Introdução ao livro de Baruc na Bíblia Ecumênica, p. 1.815.

<sup>30</sup> BORGES. *Ficções*, p. 32.

<sup>31</sup> BROWNE. *Urn Burial* (1893) (Introdução de John Evans), p. xxiii-xxiv.

<sup>32</sup> BROWNE. *Urn Burial* (1893), p. 11-12: “But the practice of burning was also of great Antiquity, and of no slender extent. For (not to derive the same from Hercules’) noble descriptions there are hereof in the Grecian Funerals of Homer, In the formal Obsequies of Patroclus and Achilles; and somewhat elder in the Theban warre, and solemn combustion of Meneceus, and Archemorus contemporary unto fair the Eighth Judge of Israel. Confirmable also among the Trojans, from the Funeral. Pyre of Hector (...).”

<sup>33</sup> BROWNE. *Urn Burial* (1893), p. 46.

<sup>34</sup> BROWNE. *Urn Burial* (1893) (Introdução de John Evans), p. xx-xxi.

Entendemos então que Tlön, Troia, Jerusalém são grandes metáforas para a cidade sublime a ser conquistada. A aventura monumental de criar uma cidade mítica verossímil se dá a partir do processo de conjugar precisão de dados históricos, geográficos e literários com a imprecisão e incerteza da falsificação. Essa última, resultado sensível da imaginação libertada, segue um jogo enigmático com as espacialidades e temporalidades próprias. Batalhas, incêndios, apagamentos e ressurgimentos, literatura, complexo de metáforas capazes de visualizar analogias jamais sugeridas. Dizem que o mito da Fênix renascida é somente um mito, uma lenda, e que a ressurreição é desejo infundado. Parece-nos que em Borges tudo renasce das cinzas, até mesmo Homero, se é que um dia ele, o tantas vezes renascido, existiu.



#### ABSTRACT

This paper deals with a particular reading – a classicist’s point of view – of some Jorge Luis Borges’ conferences about literature and of the tale *Tlön, Uqbar, orbis tertius*. We intend to show the importance of the Homeric poems for a new direction of interpretation. We examine passages in the text and propose four general analogies: Ashe/Schliemann; Uqbar/Baruch/Spinoza; Tlön/Troia and the Thomas Browne’s *Urn burial* (1893) and last book of the *Iliad* of Homer.

#### KEYWORDS

Borges. Metaphor. Analogy. History. Fiction.  
Greek Literatura. Tlön. Troy.

#### REFERÊNCIAS

- ANÔNIMO. *Bíblia*. Tradução Ecumênica da edição francesa (Paris, 1988) sob a direção de Gabriel Galache. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- BORGES, Jorge Luis. *Esse ofício do verso*. Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BORGES, Jorge Luis. *O fazedor*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a.
- BORGES, Jorge Luis. *Discussão*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008b.
- BROWNE, Thomas, *Urn burial* (1893) Disponível em: <<http://www.archive.org/details/hydriotaphiaurnb00browrich>>. Acesso em: nov. 2008.
- CASASAYAS, Alberto Ribas. Formas Alternativas del Lenguaje y del pensamiento em *Tlön, uqbar, orbis tertius*, de Jorge Luis Borges. *Epos*. XIV, 1998, p.321-337.



- COSTA, Walter Carlos. Borges e o uso da história. In: \_\_\_\_\_. *Fragmentos*. Vol. 28. 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/issue/view/745>>. Acesso em: nov. 2008.
- DICKINSON, Oliver. The Face of Agamemnon. *Hesperia*, 74, p. 299-306, 2005.
- ECO, Umberto. A abdução em Uqbar. In: \_\_\_\_\_. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Trad. Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p. 155-165.
- HOMERO. *Odisseia*. W. B. Stanford (ed. e comm.) London: St. Martin Press, 1987.
- JAHN, Jurgen. A Self-Motivated and Self-Directed Second Language Learner: Heinrich Schliemann. *The Modern Language Journal*, v. 1., 63, n. 5/6, p. 273-276.
- KOESTLER, Arthur. *A verdade da Imaginação*. Trad. Wamberto H. Ferreira. Diógenes, n. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981. p. 35-42.
- MACIEL, Maria Esther; MARQUES, Reinaldo. *Borges em dez textos*. Belo Horizonte: Curso de Pós Graduação em Estudos Literários-Fale-UFMG, 1997.
- PINTO, Júlio Pimentel. Borges, itinerários da crítica: irrealismo, leituras, história. In: *Fragmentos*. Vol. 28. 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/issue/view/745>>. Acesso em: nov. 2008.
- RAMOS, Arturo Garcia. Jorge Luis Borges: la mimésis de la nada. *Anales de Literatura Hispanoamericana*, n. 28, 1999, p.659-680.
- SANTOS FILHO, Andreino Ferreira dos. Spinoza e Borges na penumbra dos cristais. In: CORNELSEN, E.; NASCIMENTO, L. *Estudos judaicos: ensaios de literatura e cinema*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2005. p. 29-38.
- THOMAS, C. G. (Review) Myth, Scandal, and History: The Heinrich Schliemann Controversy and a First Edition of the Mycenaean Diary by William M. Calder III and David A. Traill. *The American Historical Review*, v. 1. 92, n. 4, p. 946-946, 1987.
- TURNER, Frank, M. Finding the Walls of Troy: Frank Calvert and Heinrich Schliemann at Hisarlik by Susan Heuck Allen. *The Journal of Modern History*, v. 72, n.. 3, p. 771-773, 2000.